

## **RESENHA DO LIVRO GÊNERO E DIVERSIDADE: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS/ES - TEIXEIRA E MAGNABOSCO**

### **REVIEW OF THE BOOK GÊNERO E DIVERSIDADE: FORMAÇÃO DE EDUCADORAS/ES - TEIXEIRA E MAGNABOSCO**

**Prisciliana Conceição da Silva**

priscilianasilva@hotmail.com

*Pós-Graduação em Educação e Divulgação Científica – Instituto Federal do Rio de Janeiro- IFRJ-  
Campus Mesquita. Rua Paulo I, s/nº - Centro- Mesquita- RJ. E-mail: copg.cemesq@ifrj.edu.br*

#### **RESUMO**

Este trabalho versa sobre a resenha crítica do livro "Gênero e Diversidade: formação de educadoras/es", das autoras Cintia Maria Teixeira e Maria Madalena Magnabosco, publicado em 2010 pela editora Autêntica, fazendo parte da série "Cadernos da Diversidade". A obra aborda a questão de gênero e diversidade relacionada à educação e destina-se as/aos professoras/es da educação básica. Por meio da discussão de conceitos como gênero, corpo, sexualidade e relações de gênero, as autoras têm o objetivo de conduzir os seus leitores a questionarem seus conhecimentos prévios e suas práticas escolares sobre as questões de gênero, refletirem sobre a temática a partir da leitura e construir novos conhecimentos, condizentes com a realidade da diversidade, que os levarão a uma nova prática pedagógica. Para auxiliar as/os educadoras/es na aplicação de novas práticas ou no desenvolvimento de uma práxis educativa sobre gênero, as autoras propõem, em substituição à metodologia tradicional, a Metodologia Ativa, sugerindo oficinas como formas adequadas de implementação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Gênero; diversidade; educação.

#### **ABSTRACT**

*This work is a critical review of the book "Gênero e Diversidade: formação de educadoras/es" by Cintia Maria Teixeira and Maria Madalena Magnabosco, published in 2010 by Autêntica and which is part of the series "Cadernos da Diversidade". The book addresses the issue of gender and diversity related to education and focus on teachers of basic education. Through the discussion of concepts such as gender, body, sexuality and gender relations, the authors aim to prompt in their readers the following movement: question their prior knowledge and their school practices on gender issues, reflect on the theme from the reading and build new knowledge consistent with the reality of diversity, leading to a new pedagogical practice. To help educators in the application of new practices or in the development of an educational praxis about gender, the authors propose, instead of the traditional methodology, the Active Methodology, suggesting workshops as an appropriate form of activity.*

**KEYWORDS:** Genre; diversity; education.

## AS AUTORAS E SUA OBRA

Cintia Maria Teixeira e Maria Madalena Magnabosco são psicólogas e colaboradoras do Programa de Educação para a Diversidade, vinculado à Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal de Ouro Preto – UFOP. Ambas possuem em comum o desenvolvimento de pesquisas na temática de gênero.

A obra *Gênero e Diversidade: formação de educadoras/es*, de 2010, é fruto do Programa e faz parte da série “Cadernos da Diversidade” lançada pela editora Autêntica com o apoio da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD-MEC).

Teixeira e Magnabosco intitulam-se “duas professoras, mulheres, feministas, estudantes, aprendizes, curiosas e tantos outros adjetivos e substantivos que nos definem como sujeitos.” (p.7) O lugar de fala e escrita das autoras é transparecido em seu texto pelo não uso do masculino genérico ao querer referir-se a mais de um gênero. Seu referencial teórico é o pós-estruturalismo.

A obra pretende ser um guia, um primeiro contato sobre Gênero e Diversidade para o seu público alvo: educadoras/es que buscam novas práticas de ensino. A partir de um texto dialogado, que busca aproximar-se das/os professoras/es através de questionamentos e exemplos cotidianos da prática escolar, o livro objetiva despertar uma reflexão sobre a temática, porém uma reflexão que conduza à *práxis*.

A estrutura geral da obra é dividida em duas partes. A parte I possui cinco capítulos dedicados ao aprofundamento dos conceitos de gênero e educação, gênero, corpo, sexualidade e relações de gênero. A parte II, dividida em dois capítulos, concentra-se na reflexão e proposta de práticas educadoras na temática de gênero através da metodologia ativa e das oficinas.

De maneira didática, cada capítulo apresenta em seu início um resumo e os seus objetivos. Após o desenvolvimento, é apresentado um quadro dos conceitos-chave trabalhados e uma seção com atividades para os professores realizarem entre si ou com os alunos. As atividades são descritas em todas as suas etapas, quanto aos materiais necessários e ao tempo estimado.

O trabalho das autoras, portanto, trata-se de um guia e não uma receita, pois

ser professora/or requer um exercício de reflexão acerca de todas as variáveis que constituem o processo de ensino e aprendizagem e exige constante transformação, capacidade de questionar o mundo e os nossos posicionamentos no processo educativo (p. 11).

Significa dizer que se o mundo e a sociedade estão em constante devir assim também está a educação o que requer das/os educadoras/es compreender a realidade única onde insere-se sua ação e o seu papel na construção e desconstrução dos paradigmas.

## PARTE I: DESENVOLVIMENTO DE CONCEITOS

O capítulo introdutório intitulado “A Construção do conhecimento: gênero e educação” propõe-se a relacionar a questão de gênero com a prática escolar e justificar a importância do tema para a educação. As autoras convidam seus leitores à desconstrução das verdades absolutas e normatizadas que são convencionadas como ideais para todas as pessoas, pois essa atitude invisibiliza as outras possibilidades e gera várias formas de exclusão social.

No contexto escolar, podemos observar que escolas reproduzem práticas sexistas, não problematizam ou não abordam as questões de gênero e produzem práticas discursivas que hierarquizam as diferenças e geram desigualdade no ambiente escolar, contrariando o papel da educação que é o de formar para a cidadania e a igualdade. Desta forma,

os estudos de gênero contribuem para a educação na medida em que oferecem proposições políticas implicadas por relações de poder que produzem outro olhar e possibilitam inúmeras articulações entre masculinidades e feminilidades (p. 13).

O segundo capítulo "Um breve histórico do conceito de gênero" apresenta uma contextualização do conceito para aprofundamento da reflexão. As autoras partem do princípio que os conceitos são históricos, sociais, culturais e relacionais e que são construções e frutos de processos. Gênero é categoria analítica de diversas ciências como a antropologia, a sociologia, a biologia e a psicologia.

Historicamente, o conceito de gênero surgiu na segunda onda do movimento feminista, nos anos 1960/1970. Na primeira onda do movimento apenas existia a categoria "mulheres". O marco na contribuição acerca da diferença entre sexo e gênero se deu com a frase "ninguém nasce mulher, torna-se mulher" de Simone de Beauvoir em 1949. A segunda onda é marcada pela afirmação da diferença entre homens e mulheres, porém, a diferença de gênero neste momento era pensada ainda sob o ponto de vista binário. As autoras pontuam as contribuições de Gayle Rubin, na década de 1970, sobre heteronormatividade e gênero e representação social e gênero; de Joan Scott, na década de 1980, sobre relações de gênero; e de Rosaldo, em 1995, sobre a "ordem masculina". Já na terceira onda do movimento feminista, busca-se superar as diferenças entre feminino e masculino e voltar-se para as diferenças entre as mulheres.

No terceiro capítulo "Gênero e sexualidade: a construção dos corpos", as autoras apresentam a concepção de corpo como constituinte da subjetividade dos sujeitos. Corpo não é apenas um aparato biológico, é um produto social construído a partir das relações e experiências cotidianas. A escola é produtora de corpos pois nas relações estabelecidas entre educadoras/es e alunas/os aprendem-se modos de ser, transmitidos pela linguagem, gestos e posturas, condizentes com certos valores pessoais e pedagógicos.

É possível observar historicamente como os corpos foram construídos nas relações escolares. As autoras citam duas tipologias de construção de corpos extraídas de Elódia Xavier (2007) ainda presentes no contexto escolar: o corpo invisível e o corpo disciplinado. O primeiro diz respeito ao corpo que é negado e constrangido em sua maneira de ser e de se expressar, cuja consequência é querer desaparecer e sentir-se fora da normalidade. O segundo significa o corpo que deve ser previsível às normas e regras sem questionamentos, cuja consequência é a submissão e a repetição temerosa. Conclui-se que apenas em uma relação de construção de corpos liberados, cuja a mente também pode ser livre para questionar, criticar, sentir e expressar, é possível valorizar a questão de gênero.

O quarto capítulo "A construção social da sexualidade" trata do processo de construção da sexualidade dos sujeitos. As autoras novamente partem da concepção de que a sexualidade constitui o sujeito e não se realiza apenas na dimensão biológica pois

não é apenas a genitália que nos dá a noção de sermos homens e mulheres, mas também a aprendizagem do que é ser homem e mulher em determinado ambiente, com suas regras, seus símbolos, seus valores e suas representações sociais de masculino e feminino (p. 41-42).

A sexualidade é construída em um processo sociorrelacional no qual imperam as representações socioculturais de cada período histórico. Esta construção começa antes mesmo do nascimento e continua através de um processo de aprendizagem no qual contribuem os sistemas de ensino e de comunicação. Por isso, as autoras trazem a contribuição de Fernandez (1992) que caracteriza a aprendizagem como um processo não assexuado. Se o ensino é sexuado, é necessário a reflexão sobre como as/os alunas/os estão sendo ensinadas/os a serem mulheres e homens. A delimitação da discussão de corpo e sexualidade a determinadas disciplinas, o uso de linguagem que se baseia nas diferenças biológicas, nas polaridades e na hierarquização de gêneros, entre outros, devem ser pensados.

O último capítulo da parte I, denominado "As relações de gênero na escola: diferenças e semelhanças", trabalha as relações de gênero na escola. A escola deve ser potencializada como espaço de construção de relações de semelhança e respeito, e não de diferença, para que seja alcançada a formação democrática de homens e mulheres baseada no reconhecimento de que são seres livres e inacabados. Esta é uma atitude possível a partir de práticas mais participativas e mais críticas. Trabalhar a questão de gênero, em busca de superar os preconceitos e a discriminação na escola e na sociedade, requer quebrar os tabus, mitos e preconceitos, emancipar-se dos estereótipos e superar o binarismo, a polaridade, a invisibilidade que afetam nossa compreensão. Por isso, o foco deve ser a formação permanente de professores, que ao refletirem sobre seus próprios processos de formação, sobre as relações de suas escolhas de magistério com as suas concepções de gênero e sobre seus modelos de homem e mulher poderão considerar as/os alunas/os em suas ideias, sentimentos e desejos.

## PARTE II: DESENVOLVIMENTO DA PRÁXIS

O primeiro capítulo da parte II é intitulado "Valorizando a autonomia do sujeito com práticas mais contextualizadas". Neste capítulo as autoras realizam uma crítica à Metodologia Tradicional e apresentam como sugestão para os leitores trabalharem os novos conhecimentos sobre gênero em sala de aula, a Metodologia Ativa. A Metodologia Ativa surgiu do método *Problem-based-Learning* (Aprendizagem baseada em problemas) como uma alternativa ao *Lecture-based-Learning*. Na escola tradicional não existe espaço para a manifestação das diferenças nem para a manifestação da liberdade. As/os alunas/os são concebidas/os como "tábula rasa", que devem assimilar conteúdos e seguir modelos previamente definidos. Já a metodologia ativa valoriza a problematização da realidade e a busca de soluções, a partir da observação antes de juízo de valor, o caminho natural do homem na humanidade.

No último capítulo do livro chamado "Como as oficinas de gênero e sexualidade podem contribuir com sua prática pedagógica" são sugeridas, com instrumento de aplicação da Metodologia Ativa, as oficinas de gênero e sexualidade. As autoras contextualizam historicamente o conceito de oficina que, no Brasil, surgiu no período político da ditadura e, por isso, eram espaços de liberdade artística, cultural e educacional. As oficinas são espaços de inserção, integração e interação, também são espaços para a comunicação, compreensão e transformação de conhecimentos de interesse de seus participantes. Alguns critérios para a confecção de oficinas pontuados são a "mobilização de conhecimentos prévios do assunto por meio de situações concretas [...] produção coletiva baseado no tema trabalhado (por equipes) [...] avaliação da oficina, com proposição de sugestões para a próxima (por escrito)". Para fechar o capítulo, as autoras propõem um modelo completo de oficina.

## CONCLUSÃO

Teixeira e Magnabosco como psicólogas, professoras e pesquisadoras de gênero conhecem e experienciam o desafio e a necessidade de trabalhar a temática na educação, visto que a identidade de gênero é produto de construção social na qual atuam a aprendizagem e as relações estabelecidas no ambiente escolar. O caminho para uma educação que não reproduza a desigualdade e a exclusão social, que prime pelos valores de igualdade, respeito e democracia e que cumpra seu papel de formar cidadãos em sua plenitude, passa por “um pensar que faz e um fazer que pensa” dos professores sobre as questões de gênero.

Neste sentido, a obra contribui na formação de educadoras/es acerca das questões de gênero, especialmente, porque trata o tema a partir de exemplos cotidianos e questionamentos comuns ao pensamento e prática imbuídos em sala de aula. À pretensão de aproximação dos leitores de um primeiro contato com a temática de gênero, através de uma escrita dialogada, não deve ser subestimado o desenvolvimento teórico de conceitos complexos que as autoras introduzem. Por último, a obra extrapola sua contribuição ao sugerir atividades, bibliografias e sites para seus leitores.

Especificamente, como mulher, professora e divulgadora científica, a obra trata de um tema imprescindível e de interesse para a minha vida e formação continuada e do qual não possuía leitura mais aprofundada e sistematizada, tendo corroborado com a minha posição de combate à desigualdade e violência de gênero, ao preconceito, à discriminação, à intolerância, ao desrespeito e ao ódio generalizados pela comunidade LGBTQI+ que estamos vivendo atualmente no Brasil. A leitura forneceu-me dados históricos e a definição de conceitos e provocou alertas sobre as minhas práticas e discursos irrefletidos. Entender e respeitar os outros em sua diversidade, nas relações cotidianas, é a postura que almejo como educadora e a obra contribuiu para este objetivo.

## REFERÊNCIAS

TEIXEIRA, Cíntia Maria; MAGNABOSCO, Maria Madalena. **Gênero e diversidade: formação de educadoras/es**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010. (Série Cadernos da Diversidade)